



ANA MIA, A CONSTRUÇÃO DE FRANCY ÉDER

Lígia Cristaldi¹

RESUMO: Ana Mia não vai à balada na noite paulistana por lazer; faz parte do seu projeto de vida. Aos 24 anos, Francy Éder investe alto. Ana Mia é certamente a maior aposta desse rapaz que nasceu em Pombal, interior da Paraíba. A construção de Ana teve início em 2007, quando ele chegou ao aeroporto da cidade de Guarulhos, com apenas 500 reais no bolso. Hoje, ele pensa em uma vida de glamour e sonha com o futuro da sua diva: “E eu vou terminar minha vida na Itália, com um cachorro do lado - um pug - e um marido bem rico”, diz.

PALAVRAS-CHAVE: *Perfil; noite paulistana; comportamento; sexualidade.*

¹ Lígia Cristaldi é aluna do curso de Jornalismo da Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM) e do curso de Ciências Sociais da Universidade de São Paulo. E-mail: ligia.cristaldi@gmail.com.

Introdução



A musa nas escadas do *The Society*, em São Paulo (Foto: acervo pessoal)

“Pra eu sair tem todo um drama. Primeiro vejo aonde vou. A última festa foi com a Veleska Poposuda, na Bubu, antes da Parada Gay de São Paulo. Já sabia há um mês. Tem que ter produção. Tem que ligar na loja pra pedir roupa emprestada ou ligar para o Fê, que compra tecido na 25 (de Março) e faz a minha roupa. Tem que colocar unha de porcelana, fazer depilação, descolorir a sobrancelha. Três horas no banho refletindo sobre quem vai estar lá, como vou agir. E tenho que ter recebido (*o salário*) para comprar o sapato e ‘os drink’. Tem que sorrir para as pessoas certas, porque clareamento é caro. Tem que ter amizade com os promoters, para entrar de graça; com a chapelaria, pra deixar as coisas de graça; com os bombeiros e com o DJ, para subir no palco e causar”.

Ir para balada, para Ana Mia, não é lazer. Pelo contrário, faz parte do seu projeto de vida. Programa-se durante dias e até meses para uma aparição. Tudo é

milimetricamente programado para gerar frutos. “Não saio à toa; saio pra fechar negócio”, resume. Não é para ser confortável, nem a primeira intenção é o divertimento, apesar de a diversão ser inevitável quando se está entre amigos, bebendo champagne.

Investe em seu nome e sonha se tornar um ícone da noite paulista. “Abri a revista esses dias e vi ‘Paulete Pink, um dos ícones da noite paulista nos anos 90’. Por que, um dia, as pessoas não podem abrir a revista e ver ‘Ana Mia, ícone da noite paulista’? Este é seu maior sonho, o seu projeto de vida.

Não repete roupa em hipótese alguma. Se não tem dinheiro para pagar ‘os drink’ e montar-se por completo, fica em casa. A Ana Mia só brilha à noite, e esse personagem não pode ser desmistificado. É inconcebível imaginá-lo tomando café na padaria. “Uso a Ana Mia para extravasar tudo o que quero. Eu, como Francy Éder, sou super tímido. Mas como Ana Mia, incorporo mesmo.”



No *Fashion Mob*, no centro da capital paulista, vestindo Diefferson Gomes (Foto: acervo pessoal)

“Gasto meu dinheiro com aluguel, comida e, principalmente, com a profissão.”
Mia ganha, aproximadamente, 2500 reais por mês trabalhando como vendedora de uma

loja de perfumes no Shopping Higienópolis. Com esse dinheiro, sustenta os gastos para tornar seu sonho real. Seu mais novo desejo de consumo é um Iphone. Sente que, sem ele, fica excluída do “mundinho *fashion*”; precisa do aparelho para tirar fotos pelos lugares aonde vá, acessar a internet e conversar com as pessoas.

Francy Éder, o enredo de novela

O nome Ana Mia sugere uma história que nada se aproxima da vida glamorosa que Francy Éder empenha-se em construir. Esconde-se em Ana o período em que, ainda na adolescência, por achar-se gordinho demais, o *crossdresser* teve anorexia. Mia, por sua vez, é o termo utilizado entre aqueles que sofrem de bulimia, doença que o acometeu na mesma época, pelo mesmo motivo.

Quando adolescente, Mia, como é chamada pelos amigos, tinha 1,60m e chegou a pesar 105 kg. Colocou na cabeça que precisava emagrecer e empenhou-se ao máximo nessa empreitada. “De alguma maneira”, reflete, “senti que seria isso que sou hoje. Queria isso pra mim e sabia que não daria pra continuar gorda.” Passou, então, a vomitar o pouco que comia. Após três meses, já pesava 48 kg e foi internada 11 vezes. Todos na cidade perguntavam o que estava acontecendo com o garoto, se ele estava doente. Francy Éder pesquisava na internet tudo sobre esse mundo para aprender como emagrecer ainda mais. “Fui aprendendo os truques”. Dentre eles, tomar laxante, comprimidos inibidores de apetite, vinagre, café e mascar chiclete.

Dessa época, o hábito que ainda persiste é tomar um dos remédios inibidores de apetite. “Fiquei alucinada uma vez em que tomei o remédio com Coca Cola. Deixou-me muito louca, com variações de humor e vendo coisas”.

Ana Mia nasceu Francy Éder dos Santos Jó, em Pombal, no interior da Paraíba. Foi criado por Joana, ao lado de oito irmãos homens. Começou a perceber-se fisicamente diferente dos irmãos e da mãe que, frente a questionamentos frequentes do filho, acabou por admitir tê-lo adotado.

A partir deste ponto, segue-se um enredo digno de novela. “Fui achada no lixo”. Com 11 anos, descobriu que não era filho de Joana, mas de Gecina Lacerda. Sua mãe biológica era empregada doméstica.

Certa vez, a família dona da casa onde Gecina trabalhava recebeu um hóspede do Egito, que usufruiu de serviços extras proporcionados pela empregada. O visitante foi embora deixando Gecina grávida e desamparada. Sem condições de criar a criança, a mulher abandonou-a no lixo. O lixeiro a achou e levou o bebê para o hospital. Joana, ao tomar conhecimento da história, foi em busca da criança abandonada, candidatando-se para criá-la.

“Quis conhecê-los”. Foi então, acompanhado por Joana, primeiro para São Paulo, em busca de Gecina, depois, para o Cairo, em busca de Duí Jó. O encontro aconteceu mediado por um intérprete, uma vez que o pai não fala português. “Conversei com ambos, mas não rolou nenhum amor entre nós.”

O garoto Francy Éder sofreu *bullying* na escola por ser “gordinho e viadinho”. Inclusive dos irmãos, todos mais velhos, filhos legítimos de Joana, que, diferente dele, que cresceu na cidade, foram criados na roça e se orgulhavam por corresponderem ao tipo ideal de “nordestino-cabra-macho”.

A construção de Mia

Conforme o garoto crescia, sentia-se cada vez menos parte desse mundo. A construção de Ana Mia teve início em 2007, quando chegou ao aeroporto da cidade de Guarulhos, com apenas 500 reais no bolso. A passagem foi presente de ano novo, dado pela avó. “Vim para São Paulo porque me disseram que era aqui onde tudo acontecia”, lembra Mia.

Do aeroporto foi para a casa de um parente, na Brasilândia. Uma das vizinhas solidarizou-se com o caso do menino que tentava a vida na cidade grande e arranhou-lhe um emprego. Trabalhou por um ano no telemarketing da loja Magazine Luiza, cobrando os clientes inadimplentes.

Mas não estava satisfeito. Já ansiava por fama e queria trabalhar com moda. Conseguiu um emprego de vendedor em uma das lojas de Alexandre Herchcovitch onde não permaneceu por muito tempo. Depois disso, foi sobrevivendo como *free lancer*. Trabalhou no Q!Bazar, para a Fórum e, de garçom, na padaria Bela Paulista.

Fez um curso de maquiador no Senac, a partir do qual conseguiu um emprego na Givenchy. Mas ainda não estava feliz. Os maquiadores trabalhavam em sistema de rodízio e, algumas vezes, ele era mandado para lojas onde vendia muito pouco, o que acabava por não fazê-lo lucrar o quanto desejava. “Abro muito minha boca nos empregos. Falo o que eu quero. Reclamava, porque não queria ficar em lojas que não vendiam. Acabaram me mandando embora. Sai e fiquei no perrengue.” Desempregada, durante seis meses, Mia contou com a ajuda de amigos, inclusive para comer.

Confessa que se sente muito sozinha e teme o fato de não possuir um pai e uma mãe com quem possa contar. Por esse motivo sofre constantemente de depressão e insônia. A noite parece elevar sua sensação de abandono quando não está envolvida no mundo mágico de Ana Mia. “Eu posso chegar cansadíssima, mas não tenho vontade de dormir à noite. Tenho vontade de ir conversar com o povo, sair com a galera”.

Ainda mantém contato com a mãe adotiva, Joana. Mas essa relação, que fora quente até a pré-adolescência, hoje, parece cada vez mais fria. Não se encontram desde que Mia se mudou para São Paulo. “Ligo muito raramente. Ela parece não querer saber muito. Não faz perguntas. Sinto que ela não sente minha falta, sabe?”, desabafa.

Os irmãos não conversam com ela. São bem mais velhos, casados, com filhos. “Eu e meus irmãos não temos nada a ver. Eles parecem sentir um pouco de raiva do que eu virei. Mia entristece-se ao contar que os irmãos pensam que ela esteja a se prostituir. Deixa claro que não gosta desse tipo de coisa. Também não usa drogas. “Não gosto de cheiro de maconha. Cheirei pó uma vez e fiquei muito louca. Não gostei nada, fiquei que nem retardada”.

A primeira balada que frequentou foi uma boate na rua Frei Caneca, onde trabalhou como *hostess*. Depois, apareceu na São Paulo Fashion Week e na Casa de Criadores. Começou a ficar conhecida e a aparecer cada vez mais a ponto de ser

procurada pelos estilistas Valério Araújo e Marcelo Ferraz, que começaram a lhe enviar roupas e acessórios para que usasse nas baladas.

Fez uma aparição no aniversário de Marcelo Ferraz, onde foi muito assediada e fotografada. No dia seguinte, ilustrava as páginas de sites, jornais e revistas dedicadas aos ricos e famosos paulistanos. Começou a interessar-se cada vez mais por esse mundo das baladas. “Adoro o fato de as pessoas não saberem quem eu realmente sou. Adoro o assédio, as fotos e as produções.”



Comportado, Francy Éder diverte-se com os amigos Felipe Hickman e Daniela Azevedo (Foto: acervo pessoal)

Conheceu seus melhores amigos, Diefferson Gomes, Daniela Azevedo e Felipe Hickman, na noite. Os três são estilistas e contribuem sempre com as produções da amiga. Funciona como uma troca: eles produzem as peças que a tornam glamorosa na noite, enquanto todo esse glamour promove as peças que criam.

“Um dia, estava de pantalonas e um body preto e o Di adorou”. O estilista foi ao seu encontro e pediu para que desfilasse para ele. O vestido que usou acaba de aparecer na campanha da Euro, estrelada pela modelo Ana Beatriz Barros e foi indicado pelo produtor João Arpi, que viu a peça sendo usada por Mia.

“Certa noite, no The Society, Mia estava linda, careca, toda montada no salto alto e maquiadíssima. Achamos aquilo superinteressante e fomos lá conversar com ela. Foi assim que nos conhecemos”, conta Daniela Azevedo.

“Somos do mundo fashion e gostamos dessa ‘montação’ toda. Acabamos por nos identificar com a Mia. A acho muito exótica. Ficamos mais próximos quando ela desfilou para mim no *Fashion Mob*”, reflete Diefferson.

Ana Mia nunca admitiu ser igual a todos, menos ainda ir de calça jeans na balada. “Acho ‘o ó’ ir parecido com todo o mundo”. O amigo estilista, Felipe Hickman, é peça chave para que Mia sustente o posto de ícone da noite paulista. “Fazer roupa para Ana Mia, um *crossdresser*, é como criar para um ser mágico que mistura feminilidade, força e poder, tudo ao mesmo tempo. E a roupa, uma extensão da personalidade de Ana, deve acompanhar esse facho de luz pálida que atrai os olhares do alto dos seus 1,86m. A roupa deve ser única e o método, delicado. Horas de trabalho e dedicação para uma noite, mas que, a partir de uma única foto, fica registrada pela eternidade”, diz Felipe.



Na balada paulistana, com os amigos Diefferson Gomes e Daniela Azevedo (Foto: acervo pessoal)

Todo ícone que se preze possui vasta bibliografia a seu respeito. Ana Mia, para não fugir à regra, já começou a escrever o seu próprio livro. Em um caderninho velho, de capa dura e vermelha, escreve tudo o que se passa nos momentos de glamour. Quer

lançá-lo no programa do Jô. Inscreve-se no *Big Brother* desde 2008. “Quero ser conhecida.”

Hoje, com 24 anos, Ana Mia não mede esforços para tornar seu conto de fadas real. “Quero fazer meu nome na noite, arranjar um marido italiano. Porque italiano gosta de *crossdresser*. Italiano é tudo loiro, de olho azul, grande e ‘pauzudo’. E eu vou terminar minha vida assim. Loira, cheia de sarda tomando sol na Itália, com um cachorro do lado - um *pug* - e um marido bem rico. Não quero namorado pobre.”

Como Éder, esconde-se por trás da timidez digna de uma dama. Como Mia, incorpora a musa hollywoodiana. “Ana Mia me completa. Uso isso para extravasar”, diverte-se.